

AS MÃOS DE PAPAI

Susan Fahncke

Acordei no meio da noite e vi meu marido, Marty, embalando gentilmente nosso filho Noah. Fiquei por um momento à porta, olhando esse homem admirável com que tive a bênção de compartilhar minha vida, afagando amorosamente as bochechas rechonchudas e rosadas de Noah. Sentia em meu íntimo que havia algo realmente errado com Noah. Essa era mais uma das muitas noites em que Noah ardia em febre.

As lágrimas afloraram, enquanto observava meu bondoso marido mover a pequena bochecha de Noah, para que ficasse encostada em seu peito e, desse modo, ele pudesse sentir a vibração de sua voz, enquanto o ninava. Noah é surdo. Aprender a confortá-lo nos fez aprender uma maneira totalmente distinta de encarar as coisas. Para consolar nossos outros filhos, confiávamos em nossa voz, canções de ninar, brinquedos sonoros e música.

Com Noah, porém, precisávamos utilizar o toque, a manta macia dele, a vibração de nossa voz e, o mais importante de tudo, usar a linguagem de sinais para comunicar nossas emoções e transmitir uma sensação de conforto para ele.

Meu marido fez o sinal: "Eu o amor, com as mãos e, quando colocou a mão pequenina de Noah sobre a sua, vi uma lágrima rolar sobre seu rosto.

Já levamos Noah tantas vezes ao médico, que é impossível enumerá-las. Fazia uma semana e meia que Noah estava com febre alta que não cedia, o que era muito perigoso, apesar de tudo o que o médico e nós tentáramos fazer para baixá-la. Eu sabia, em meu íntimo, da maneira que só uma mãe pode saber, que Noah corria perigo.

Toquei levemente o ombro de meu marido, e, fixando os olhos um no outro, sentimos o mesmo medo e certeza de que Noah não estava melhorando. Ofereci-me para ficar ali, em seu lugar, mas ele balançou a cabeça, e, mais uma vez, fiquei perplexa com esse homem maravilhoso, o pai de meus filhos. Enquanto muitos pais entregariam aliviados as tarefas envolvidas no cuidado de um filho doente para dormir um pouco, meu marido permanecia teimosa e resolutamente com nosso filho.

Quando amanheceu, chamamos o médico, que nos pediu mais urna vez para ver Noah. Sabíamos que ele, provavelmente, internaria Noah no hospital. Portanto, organizamos tudo para deixar os outros filhos sozinhos, fizemos as malas para nós três e, chorando, fomos mais uma vez ao consultório do médico. Com o coração apreensivo e cheio de medo, esperamos em um pequeno cômodo, diferente do consultório com o qual já nos acostumáramos. Nosso médico, por fim, entrou no consultório, examinou Noah e nos deu a notícia que já esperávamos: Noah teria de ser internado imediatamente.

Dirigimos até o hospital de uma cidade vizinha, e essa foi uma jornada surreal. Eu não conseguia focar em nada, pensar em nada e não parava de chorar. Meu marido tentou me animar, ao dizer que sentia no coração que Noah ficaria bem. Noah foi admitido no hospital, e fomos

levados ao seu quarto imediatamente. Foi uma noite de tortura, cheia de testes horríveis que faziam a vozinha de meu pequeno filho ecoar nas paredes, pois ele gritava repetidas vezes.

Senti como se meu interior estivesse despedaçado. Meu marido nunca vacilou em sua fé. Ele não só confortou Noah e eu, mas também todos que ligavam para ter notícias de Noah. Ele era uma rocha.

Quando a primeira bateria de testes foi realizada, a enfermeira nos informou que o exame do líquido da medula espinhal seria feito. Suspeitavam de meningite. Marty e eu oramos por Noah. Entrelaçamos nossas mãos, seguramos nosso filho, e o amor de minha vida elevou sua voz ao Senhor, dizendo que estávamos gratos, pois ele confiara a nós Noah, esse espírito pequeno e sublime. Com lágrimas rolando sobre suas faces, ele humildemente pediu ao Senhor que curasse nosso filho. Conforto e gratidão invadiram meu coração.

Algum tempo mais tarde, o médico residente entrou ali e nos disse que os primeiros resultados dos exames de Noah estavam prontos: ele tinha gripe. Não seria preciso fazer o exame para meningite. Noah já estava no berço do hospital, balançando-se como se estivesse em um trampolim. A oração que meu marido fizera para Deus já estava sendo respondida.

Marty e eu, em meio às lágrimas, rimos um para o outro e esperamos até que Noah recebesse alta. Por fim, no meio da noite, nosso médico entrou e nos disse que seria bom levar Noah para casa. Arrumamos nossas malas o mais rápido possível e partimos.

Alguns dias depois, eu estava cozinhando, e Noah ainda se recuperava. Eu estava em paz e sabia que meu marido era o melhor pai que poderia querer para meus filhos. Dei uma olhada na sala e sorri quando, ao olhar para a sala, vi uma cena envolvente e cativante. Lá estava meu marido na cadeira do papai, a mais confortável, com Noah em seu colo. Eles estavam lendo um livro. O pai pegava as mãos pequeninas de Noah para ajudá-lo a formar os sinais para as palavras do livro. Os dois levantaram os olhos do livro e me pegaram olhando para eles. Meu marido e eu, ao mesmo tempo, falamos, um para o outro, em linguagem de sinais: "Eu amo você", e a seguir dissemos o mesmo para Noah.

Depois disso, Noah levantou seu bracinho e tentou sinalizar com a mãozinha rechonchuda: "Eu amo você", para seu pai. Observei com lágrimas em meus olhos, enquanto meu marido cuidadosamente ajudava, com suas mãos, nosso filho a formar com os dedinhos pequenos o sinal: "Eu amo você". A criança tinha mãos gentis. Mãos como as de seu pai.